

pensar

CORREIO BRAZILIENSE

DOIS
LIVROS & IDEIAS

Brasília, domingo, 6 de setembro de 1998

EDITOR: Carlos Marcelo. SUBEDITOR: Rogério Meneses. COORDENADOR: José Rezende Jr. DIAGRAMAÇÃO: Váldson Messias. Telefone: (061) 342-1178. Fax: (061) 342-1155. E-mail: pensar@cbdata.com.br

TUPI OR NOT TUPI

O professor paulista Eduardo Navarro lança o livro Poemas — Lírica Portuguesa e Tupi, cria a ONG Tupi Aqui, com o objetivo de introduzir o idioma no currículo escolar do país, e diz que suas idéias estão longe do visionarismo do personagem Policarpo Quaresma, do romance de Lima Barreto



Ilustração: Fernando Lopes

Alethea Muniz
Da equipe do Correio

SE NÃO FOSSE O DÉSPOTA PORTUGUÊS MARQUÊS DE POMBAL, O BRASIL PODERIA HOJE SER UM PAÍS BILÍNGUE. AO EXTINGUIR A COMPANHIA DE JESUS E PROIBIR AS AULAS DOS MISSIONÁRIOS, NO SÉCULO XVIII, O AUTORITÁRIO PERSONAGEM DERRUBOU O ESTUDO DO TUPI, ATÉ ENTÃO O PRINCIPAL IDIOMA DE COMUNICAÇÃO ENTRE NATIVOS E EUROPEUS, TAMBÉM CONHECIDO POR LÍNGUA BRASÍLICA, EM REFERÊNCIA AO NOME DO PAÍS.

Logo depois, o Marquês tratou de expulsar os jesuítas, missionários que cedo depararam com a estranha linguagem falada na costa brasileira há quase 500 anos e, pragmáticos, a aprenderam para doutrinar os índios. Para se ter idéia, por volta de 1758, o tupi era o idioma mais falado no país. Cinco séculos depois da chegada dos portugueses, dez mil palavras do idioma português falado no Brasil são de origem tupi. "Isso sem considerar os nomes geográficos", garante o tupinista Eduardo Navarro, da Universidade de São Paulo (USP), o único professor universitário especializado na língua em todo o país. Mesmo com tantas referências, raros são os brasileiros capazes de compreender o tupi antigo, "a língua clássica do Brasil", nas palavras de Navarro. Em tribos indígenas e na região Norte do país, por exemplo, fala-se o tupi moderno, transformado pelo tempo. Mas se depender do empenho do professor Navarro, essa realidade deve mudar. Semana passada, fundou a ONG Tupi Aqui, com a proposta de difundir

a língua em todo o país.

"Queremos mostrar qual é a face índia do Brasil", defende Navarro, 36 anos, exatamente metade deles dedicado ao estudo do tupi. A proposta da ONG é formar cem professores até o ano 2003 — todos para introduzir o idioma nas escolas de São Paulo e, depois, nos demais Estados. A idéia começa a tomar corpo. Uma pessoa pode aprender a base da língua em apenas um ano de estudo e, já para o próximo ano, o colégio paulistano João XXIII pretende introduzir os primeiros passos da língua no currículo optativo. A expectativa é de que 20 escolas passem a incluir a disciplina, como não obrigatória, até o ano 2000.

"O movimento está crescendo, chamamos atenção da mídia", diz Navarro, em referência aos dois programas que gravou na semana passada: concedeu entrevista para Regina Casé, na Globo, e para o *Jô Onze e Meia*, no SBT.

FIDELIDADE A ANCHIETA

O mais recente lançamento literário a abordar o tema é *Poemas — Lírica Portuguesa e Tupi*, tradução dos textos do jesuíta basco José de Anchieta feito pelo professor Eduardo Navarro. "Procurei ser o mais fiel possível ao original", avisa Navarro, sobre a publicação da editora Martins Fontes. A introdução traz a biografia de Anchieta, a primeira pessoa a escrever uma gramática em tupi, publicada em 1595 — anos depois de ser escrita — com o título *Arte de Gramática da Língua Mais Usada na Costa do Brasil*. "A costa brasileira não era formada só por índios, mas por portugueses também", lembra o autor.

Segundo ele, o jesuíta conseguiu não se basear nas regras das línguas européias ao explicar a estrutura do tupi, uma língua com 20 mil vocábulos registrados, todos referentes à vida em meio a natureza. "É a língua de um povo tribal, que não conhecia termos do capitalismo, moedas, estratificações sociais", comenta o professor, que organiza um dicionário dos termos tupis para lançar na comemoração dos 500 anos do descobrimento.

Com vocabulário tão reduzido, o próprio Anchieta precisou formar novos termos para expressar idéias

cristãs. Na linguagem brasílica, por exemplo, o Deus católico passou a ser Tupã, o deus indígena. Outras palavras foram introduzidas em português e o tupi sofreu a primeira adaptação que se tem registro.

POLICARPO DO BRASIL

Tanta dedicação à divulgação do idioma leva o professor Eduardo Navarro a ser comparado com o personagem central de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, romance de Lima Barreto escrito em 1916 e adaptado para o cinema pelo diretor Paulo Thiago. O filme foi lançado no início deste ano com o título *Policarpo Quaresma, Herói do Brasil*. A história narra a epopéia do funcionário público Policarpo, defensor da adoção do tupi como idioma oficial do Brasil.

"Quaresma não tem cabimento tanto tempo depois. Nossa proposta não é tornar a língua falada, mas apenas torná-la mais conhecida", diz Navarro, enquanto esclarece a diferença entre o tupi e o guarani, para evitar a expressão tupi-guarani. A primeira teve origem no Brasil e tem variações como o tupinambá, enquanto a segunda nasceu no Paraguai.

Segundo Navarro, a idéia é que se estude o tupi como se estudava o latim, ou seja, para buscar as origens das palavras que os brasileiros falam hoje. Mais do que isso, o professor acredita que o "tupi se oferece como antídoto para a invasão da cultura americana e globalizada".

O que desperta o interesse pelo estudo do tupi, segundo o professor, é o mesmo que leva as pessoas pelos mais diversos caminhos filosóficos e religiosos. A incessante busca da resposta para as duas questões básicas que rondam todo ser humano: descobrir de onde viemos e para onde vamos.

SERVIÇO

POEMAS — LÍRICA PORTUGUESA E TUPI
De José Anchieta, com tradução de Eduardo Navarro. 284 páginas. Lançamento Martins Fontes, coleção Poetas do Brasil, R\$ 22,50. Não disponível nas livrarias de Brasília.

TUPI AQUI
Organização Não Governamental (ONG) com a proposta de formar professores em Tupi clássico e resgatar a identidade brasileira. Informações: (011) 816-4841.

Trecho

"Anchieta dizia sempre que viera para o Brasil por causa dos índios e a eles deveria devotar-se em primeiro lugar. Em poucos meses já sabia a língua brasílica, que era falada em toda a costa brasileira, com algumas variantes dialetais (Tupi, Tupinambá, Tupinambá do Norte, etc.). Com seu conhecimento da língua indígena, ele passou a ajudar o padre Nóbrega a ouvir as confissões dos índios, uma vez que este último não falava Tupi e nunca o aprenderia bem. O primeiro bispo do Brasil, D. Pero Fernandes Sardinha, atacaria muito os jesuítas por ouvirem confissões através de intérpretes, procedimento que ele julgava irregular.

Com uma inteligência privilegiada, o jovem José, em poucos meses, já tinha aprendido as regras da língua Tupi e, em 1555, já havia esboçado a sua gramática, que foi levada para a Bahia para ser usada como texto básico de ensino aos novos jesuítas que vinham para o Brasil. Essa gramática é uma das obras mais originais que se conhecem no gênero. Anchieta conseguiu fugir em muitos pontos do modelo latino e tratar o Tupi como uma língua completamente diferente. Ela só foi publicada quase no final da sua vida, em 1595, com o título de *Arte de Gramática da Língua Mais Usada na Costa do Brasil*.

Ao mesmo tempo, escrevia o *Diálogo da Fé*, uma espécie de catecismo para os missionários introduzirem os índios na doutrina cristã. Neles temos as orações, diversos textos retirados da Bíblia, tudo isso em Tupi. (...) Conceitos cristãos que não tinham correspondência em Tupi eram apresentados com palavras portuguesas ou então eram criadas outras palavras que os traduzissem."

(Extraído do livro *Poemas — Lírica Portuguesa e Tupi*, de José Anchieta, organizado por Eduardo Navarro).